

Antonio Chalhub

É arquiteto urbanista e mestre em Urbanismo

/// Sem o diálogo e a participação das comunidades, a mudança no sistema de transporte de Vitória torna-se apenas uma proposta técnica autoritária

Cachorro de mudança

Minha vó Líbia dizia sempre que me via perdido e espantado com algo que não compreendia: você parece cachorro que caiu do caminhão de mudança! É a mesma sensação que os cidadãos apresentam hoje quando chegam aos pontos de ônibus da Capital. A administração está jogando fora do caminhão de mudança todos os usuários com a falta de diálogo e de audiência pública.

As pessoas se movem na cidade para atividades cotidianamente importantes em suas vidas. Elas vão ao trabalho, à escola, ao médico, ao dentista, à casa do parente, ao cinema, à praia, ou seja, se deslocam porque têm a intenção de ir a algum lugar da cidade distante de onde se encontram.

Estas informações que medem a intensidade dos fluxos e a origem/destino das viagens pela cidade são parâmetros técnicos quantitativos que norteiam uma tomada de decisão e que, na maioria das

vezes, visam a atender a uma racionalidade empresarial. Alterar um sistema de transportes sem ouvir, debater e dialogar com os usuários ou com as lideranças de cada comunidade viola um princípio democrático. E pior, desrespeita a dignidade dos usuários.

A mobilidade humana pressupõe melhoria na qualidade dos serviços no transporte coletivo. E qualquer sistema deve e pode ser aprimorado: diminuindo o tempo de percurso e o custo da tarifa, aumentando o conforto, promovendo a renovação da frota, a ampliação das linhas e suas áreas de abrangência, realizando obras de infraestrutura em ruas dos bairros para permitir novos trajetos dos ônibus, e vários outros aspectos de qualificação do transporte coletivo. Tudo isso deve ser apresentado e debatido em audiências públicas. Ou, do contrário, a cidade continua muda e a administração, surda.

A integração do sistema pode até ser uma boa ideia para melhorar a qualidade do transporte coletivo de Vitória além da racionalidade empresarial, mas sem o diálogo e a participação das comunidades torna-se apenas uma proposta técnica autoritária com arremedo de marqueteagem política.

